



Homília

Missa das Exéquias de D. António Vitalino 10-10-2026

Igreja Matriz de Parada de Gatim

Missa Vespertina do XXVIII Domingo do Tempo Comum

Caríssimos irmãos e irmãs,

Neste momento marcado pela dor e pela saudade, reunimo-nos em torno do altar do Senhor para celebrar a Santa Missa em sufrágio do nosso irmão D. António Vitalino. A morte, para quem viveu unido a Cristo, não é o fim, não é um vazio, mas um encontro: o encontro definitivo com o Senhor da vida, com a plenitude do amor de Deus, que é a fonte e a meta da peregrinação que todos nós fazemos neste mundo.

Por isso, mesmo no meio de lágrimas, o nosso coração pode encontrar consolo e esperança. Hoje queremos confiar o nosso D. António Vitalino nas mãos misericordiosas do Pai, certos de que Aquele que o chamou à vida, à vida consagrada, ao sacerdócio, ao episcopado, agora o acolhe no Seu abraço de amor e misericórdia.

Quero dirigir uma palavra de proximidade, de conforto e de paz aos familiares de D. António Vitalino, que agora experimentam a dor da separação e que como pude testemunhar o acompanharam com tanta dedicação e carinho. O Senhor, que conhece cada coração, há de enxugar as vossas lágrimas e fortalecer-vos na fé. Que possais dizer com S. Paulo, como ouvimos na II Leitura **“Tudo posso n’Aquele que me conforta”** – é Jesus que nos dá força, é n’Ele que encontramos consolação.

Saúdo fraternalmente os meus irmãos no episcopado, na pessoa de D. José Cordeiro, Arcebispo Primaz de Braga, que nos acolhe nesta Arquidiocese sob o seu cuidado pastoral, saúdo ainda D. Jorge Ortiga, Arcebispo Emérito de Braga, o Cardeal D. António Marto e o Cardeal D. Américo Aguiar. Dirijo também uma

palavra de saudação muito cordial aos irmãos carmelitas aqui presentes, na pessoa do Frei Altamiro Tenório da Paz, O.Carm., Comissário-Geral de Portugal. Foi neste instituto religioso que D. António Vitalino encontrou a sua vocação, consagrando a sua vida ao Senhor e à Sua Igreja.

Saúdo fraternalmente os sacerdotes, aqui presentes, de uma forma especial o Pe Dayakar Thumma, pároco desta freguesia, agradecendo o seu cordial acolhimento. Encontram-se presentes alguns sacerdotes ordenados por D. António Vitalino, os quais vivenciaram de perto, de uma forma muito particular, a sua paternidade espiritual.

Saúdo também os diáconos, consagradas e consagrados e todos os fiéis aqui presentes, todos os amigos de D. António Vitalino. E saúdo de forma muito respeitosa e cordial as autoridades presentes.

Hoje, rezamos por D. António e damos graças a Deus pela sua vida, pela sua dedicação ao serviço da Igreja, pelo amor a Cristo que sustentou o seu caminho. Nesta ocasião somos convidados a renovar a confiança no Senhor ressuscitado, que venceu a morte e nos abre as portas da eternidade.

As leituras que escutámos, do XXVIII Domingo do Tempo Comum, são providencialmente apropriadas e vêm iluminar de uma forma muito especial a nossa oração. O próprio facto de estarmos a celebrar a Missa Dominical, nesta tarde de Sábado, reveste-se por si só de um significado muito forte – o Domingo é o dia da Ressurreição do Senhor – é em Jesus ressuscitado que está a nossa esperança, e é a partir desta esperança que olhamos e que entendemos a partida deste nosso irmão.

O profeta Isaías (25,6-9) fala-nos do **“banquete preparado para todos os povos”**, onde Deus há de **“enxugar as lágrimas de todos os rostos”** e **destruir para sempre o véu da morte**”. Esta promessa antiga encontra hoje cumprimento em Cristo ressuscitado. Nele, a morte não tem a última palavra, mas transforma-se em passagem para a comunhão plena com Deus.

O Salmo 22, que rezámos, dá voz à confiança de quem se deixa conduzir pelo Bom Pastor: **“Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos, não temerei, porque Vós estais comigo”**. A vida de D. António Vitalino foi um caminho de

entrega nas mãos do Pastor fiel. Agora, podemos crer e esperar que o Senhor o leva a descansar em verdes prados e o conduz às águas tranquilas da eternidade.

Partilho convosco um breve comentário ao Evangelho, que nos narra esta parábola do banquete, e que é preparada pela I Leitura. A bondade e a generosidade deste rei representam a bondade e a generosidade de Deus, que a todos dá a possibilidade de responder ao seu chamamento, ao seu convite. Mas há uma condição para permanecer neste banquete de núpcias: vestir o traje nupcial. E ao entrar na sala, o rei distingue alguém que não o quis vestir e, por esse motivo, é excluído da festa. Esta veste nupcial é a caridade, é o amor. Ou seja, este hóspede que respondeu ao convite do Senhor para participar no seu banquete, tem a fé que lhe abriu a porta da sala, mas falta-lhe algo essencial: a veste nupcial. E são Gregório Magno afirma a propósito deste texto evangélico: **«cada um de vós que na Igreja tem fé em Deus já participou no banquete de núpcias, mas não pode dizer que vestiu o hábito nupcial se não conserva a graça da Caridade»**. Que não nos falte nunca a graça da caridade, para que possamos tomar parte no Banquete do Reino, para que possamos viver e permanecer na comunhão com Deus e com os irmãos!

Damos graças a Deus por todo o bem feito por D. António Vitalino e pedimos pelos bons frutos do seu trabalho apostólico - que o muito que semeou dê fruto e fruto abundante! A sua morte não é um ponto final: é passagem, é encontro com a plenitude, é entrega nas mãos do Pai que o chamou a dedicar-lhe inteiramente a sua vida.

Rezemos para que o Senhor o acolha no Seu amor misericordioso e derrame sobre nós a Sua consolação e a Sua esperança. E peçamos também que nós, ainda a caminho, saibamos viver inspirados no seu testemunho: servindo com generosidade a Igreja e permanecendo na comunhão com Deus e com os irmãos, pela graça da caridade, simbolizada no traje nupcial a que se refere Jesus, no Evangelho.

Que a Virgem Maria, Nossa Senhora do Carmo, interceda por este seu filho que tão generosamente lhe entregou a vida, e que São José, padroeiro da Diocese de Beja, o conduza com amor paternal até ao trono de Deus.

† Fernando, Bispo de Beja